

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

Samara Vilaça Xavier

TEATRO-FÓRUM NO ENSINO MÉDIO:
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA E CRIAÇÃO ARTÍSTICA

Belo Horizonte
2018

Samara Vilaça Xavier

TEATRO-FÓRUM NO ENSINO MÉDIO:

UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA E CRIAÇÃO ARTÍSTICA

Artigo apresentado ao Curso de Mestrado Profissional da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes.

Área de concentração: Ensino de Artes

Orientadora: Prof^a Dr^a Mariana de Lima e Muniz

Belo Horizonte

Escola de Belas Artes da UFMG

2018

Ao meu filho Davi que me ensina todos os dias a educar com amor.

Às minhas alunas e meus alunos da Escola Estadual Professor Pedro Aleixo que compartilharam a incrível experiência da pesquisa capaz de ressignificar nosso ser.

Aos meus pais, família e amigos que acreditam no significado da Arte.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Mestrado Profissional PROFARTES, à Capes, pelo apoio com a bolsa e ao programa de Pós Graduação em Artes da EBA/UFMG.

À professora orientadora Mariana de Lima e Muniz pela generosidade nos momentos de incerteza, pelas reflexões, pelos conselhos, incentivos e competência ímpar.

À professora Lucia Gouvêa Pimentel que esteve sempre presente desde o início do curso até o final constituindo a banca de avaliação. Gratidão pelo exemplo de mulher, pelo profissionalismo, pela força que nos transmite na docência e pela disponibilidade em ouvir.

Ao professor Ricardo Carvalho de Figueiredo pelos conhecimentos construídos desde a graduação e pelas sugestões sempre tão construtivas.

À Escola Estadual Professor Pedro Aleixo, território sócio-cultural de múltiplos afetos onde cumpro minha missão como Arte Educadora.

À minha mãe por sempre acreditar na possibilidade dos meus sonhos.

Ao meu pai pelo constante apoio e compreensão.

Aos amigos que fiz, que reencontrei e aos que se mantiveram ao meu lado.

Ao universo, Deus, cosmos, pela oportunidade única.

Gratidão!

*Teatro é conflito, luta, movimento, transformação,
e não simples exibição de estados de alma.
É verbo e não simples adjetivo. ”*

Augusto Boal

SUMÁRIO

1. ARTIGO: TEATRO-FÓRUM NO ENSINO MÉDIO: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA E CRIAÇÃO ARTÍSTICA.	6
REFERÊNCIAS.....	20
APÊNDICES	21

Teatro-Fórum no Ensino Médio: uma proposta de intervenção pedagógica e criação artística

Samara Vilaça Xavier (UFMG, MG, Brasil)

Orientadora: Profa. Dra. Mariana de Lima e Muniz (UFMG, MG, Brasil)

Introdução:

Esta análise tem como fim apresentar a relevância do tema em relação aos recursos didático-pedagógicos que a modalidade Teatro-Fórum pode proporcionar na construção de aprendizagem significativa no contexto escolar. A metodologia dessa modalidade é um desdobramento das técnicas desenvolvidas nas “oficinas” do teatrólogo Augusto Boal com o “Teatro do Oprimido” (BOAL, 2013).

Para compreender a proposta do Teatro-Fórum, é necessário levantar aspectos de sua epistemologia, o que depende principalmente da fundamentação da metodologia “Teatro do Oprimido”, do teatrólogo Augusto Boal (1931-2009).

Augusto Boal desenvolveu o Teatro do Oprimido durante sua experiência no exílio imposto a ele pela ditadura militar brasileira após 1971. Pelos países¹ que passou, Boal sempre trabalhou com o TO e se relacionou com pessoas que o auxiliaram em seu processo criativo e artístico. Em linhas gerais, essa técnica sistematiza exercícios dialéticos, jogos e outras técnicas teatrais que objetivam à democratização do teatro, uma vez que mescla a linguagem do nosso cotidiano com a linguagem teatral, estabelecendo a comunicação direta, ativa, sobretudo, propositiva entre espectadores e atores.

O ensino de teatro, mais especificamente do Teatro-Fórum, como conteúdo curricular da disciplina Arte foi proposto a uma turma de segundo ano do Ensino Médio, em uma escola pública do estado de Minas Gerais, com o intuito de aprimorar a participação dos alunos nas aulas de Arte. A turma era composta de 32 estudantes, 15 do sexo masculino e 17 do sexo feminino. Os encontros ocorreram durante um trimestre escolar do ano de 2017, contabilizando 12 aulas, com a duração de 50 minutos cada.

O Teatro-Fórum foi eleito como principal proposta pedagógica para ensino em Arte

¹ Augusto Boal iniciou seu exílio na Argentina, desenvolveu experiências teatrais com o Teatro do Oprimido, primeiramente, no Peru, depois disso na Colômbia, Venezuela, Bolívia, Portugal, França e outros países da Europa e das Américas.

em função do seu potencial estético, político, reflexivo e criativo. De acordo com Mariana Muniz (2015, p.101),

[s]eu objetivo é representar os conflitos de uma comunidade, assim como as propostas acordadas em assembleia. Dessa maneira, o conflito e suas possíveis soluções são discutidos entre todos e colocados em prática a partir de improvisações realizadas no momento.

Essa possibilidade de diálogo e exposição de opiniões diversas tem um potencial de participação coletiva muito vigoroso com os adolescentes. Assim, a montagem do Teatro-Fórum com alunos de uma escola regular tem início na prática dos jogos e exercícios teatrais, para que os participantes tenham a oportunidade de se movimentar pelo espaço e de interagir de forma diferente da organização habitual da sala de aula. Desenrijecer, desmecanizar, retirar o corpo do aluno de sua postura habitual já provoca alterações em sua complexa experiência de ensino-aprendizagem. A organização sistemática de uma sala de aula com as carteiras enfileiradas limita as condições criativas do aluno, o que torna o ambiente menos aberto a mudanças e que também reflete nas posturas conservadoras tanto dos alunos quanto dos professores.

O filósofo francês Bourdieu desenvolveu o conceito ao qual ele denominou de “habitus” que pode ser usado para embasar o papel social da escola, da educação de modo geral, para entendermos a organização da sociedade e nossa participação nessa construção. Segundo o pensador,

[o] *habitus* preenche uma função que, em uma outra filosofia, confiamos à consciência transcendental: é um corpo socializado, um corpo estruturado, um corpo que incorporou as estruturas imanentes de um mundo ou de um setor particular desse mundo, de um campo, e que estrutura tanto a percepção desse mundo como a ação nesse mundo (BOURDIEU, 1996, p.144).

Para Bourdieu, as culturas e as práticas sociais, com seus mecanismos de produção e manutenção, suas relações de força e a produção simbólica, existentes em cada campo na luta por poder e reconhecimento, são preocupações centrais. A escola, nesse contexto, reproduz a dominação de uma classe que impõe a sua própria cultura, dando-lhe um valor incontestável, configurando o arbitrário cultural dominante, concretizando o papel simbólico que a própria escola desempenha de marginalizar os alunos das classes menos privilegiadas.

O objetivo central que sustenta o Teatro-Fórum. Segundo Boal (2005),

[o] objetivo do fórum não é ganhar, mas permitir que aprendamos e nos exercitemos. Os espect-atores, pondo em cena suas ideias, exercitam-se para a ação na vida real; e atores e plateia, igualmente atuando, tomam conhecimento das possíveis consequências de suas ações. Ficam conhecendo o arsenal dos opressores e as

possíveis táticas e estratégias do oprimido. O fórum é um jogo, é lúdico – uma maneira rica de aprendermos uns com os outros (p. 32).

Dessa forma, o Teatro-Fórum torna-se um recurso de enfrentamento dessa dominação simbólica, que tem por base as discussões da ordem do cotidiano da própria escola, do seu entorno, sobretudo da parcela da sociedade que participa desse espaço dialógico, seguido de uma tomada de atitude frente às inquietantes problemáticas sociais que mantêm essa dinâmica de marginalização. Acreditamos, porém, que o objetivo primeiro da escola é o de capacitar os estudantes para que compreendam seus papéis como sujeitos e agentes na sociedade, independentemente de suas origens, visando atingir objetivos individuais e coletivos de cidadania.

Assim, a postura habitual de um ambiente de sala de aula não é significativa todo o tempo, porque limita as possibilidades para que o aluno crie condições para manifestar sua originalidade e seja autor da ação criativa. A experiência é considerada aqui como prerrogativa para o processo de ensino-aprendizagem teatral (e para outros campos do saber também). Não há aprendizagem sem experiência e experiência sem aprendizado. “(...) toda experiência é resultado da interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo em que ela vive.” (DEWEY, 2010, p.122). Dessa forma, a experiência nos insere em uma determinada cultura, um espaço de transitoriedade de saberes, pelo qual e sobre o qual se empoderam os agentes.

É importante argumentar ainda sobre o caráter social inerente ao Teatro-Fórum, que prioriza, sobretudo, a solução de problemas coletivos que tenham representatividade. Os temas discutidos por meio dessa técnica têm de ser relevantes para o grupo e, por isso, devem surgir durante o processo de criação artística, atendendo às demandas dos alunos/agentes.

Considerando a escola um espaço sócio-cultural de convivência e, conseqüentemente, de atritos pessoais, o Teatro-Fórum pode problematizar o que se vive ou o que se compartilha nesse ambiente. A proposta de solucionar um conflito, por vezes interpretado como “opressão”², é uma oportunidade para que alunos e comunidade escolar dialoguem entre si por meio da ação dramática, o que ameniza, de certa forma, por dar ao problema o distanciamento necessário para que se abra espaço a uma visão mais crítica. .

A primeira fase do projeto: os jogos

O processo de pesquisa foi realizado em três momentos específicos. O primeiro, com

² Problema social e/ou político que pode ser caracterizado pela exploração, abuso, discriminação.

duração de um mês, com quatro encontros de 50 minutos, a fase de jogos. O segundo, de mesma duração, foi a fase da improvisação, em que buscamos perceber com mais clareza os aspectos relacionados à criatividade. E o terceiro, com dois encontros de 50 minutos, que foram reservados para a apresentação e pós-apresentação

Os primeiros encontros tiveram como base um roteiro de jogos do livro *Jogos para atores e não-atores* (2005), de Augusto Boal. Jogos e exercícios foram colocados em prática para estimular o relacionamento, o contato visual e corporal, a expressividade, a desmecanização³, o trabalho rítmico, a concentração e outras habilidades teatrais dos participantes. Vale destacar a necessidade de estrutura física apropriada no ambiente escolar para esse tipo de prática, um espaço amplo, limpo e sem carteiras. No primeiro encontro, ocupamos uma sala de aula convencional, ao lado de outras salas, e, no meio da aula, a vice-diretora da escola interrompeu, dizendo que o barulho estava atrapalhando outras atividades nas outras classes. Foi preciso procurar outro lugar para continuar a aula. O espaço apropriado pelo grupo foi a quadra esportiva, por conta da sua amplitude, por estar distante das salas e, assim, não incomodar as outras classes. Nos dias muito frios ou chuvosos, usávamos a sala de aula normal, tentando fazer o menor ruído possível. Essa adaptação dificultou o desenvolvimento do trabalho teatral uma vez que tolhemos um aspecto importante para o processo, a liberdade de expressão.

No jogo, é preciso estar aberto e disposto a jogar. Há certa liberdade pressuposta anterior ao ato de jogar. É essa liberdade que nos conduz à experiência e aquisição da autoconsciência e autoexpressão (SPOLIN, p. 6, 2010). A disponibilidade do jogador aparece, então, como um pré-requisito da ação de jogar. Paulo Freire (2016, p.131) observa que

[e]star disponível é estar sensível aos chamamentos que nos chegam, aos sinais mais diversos que nos apelam, ao canto do pássaro, à chuva que cai ou que se anuncia na nuvem escura, ao riso manso da inocência, à cara carrancuda da desaprovação, aos braços que se abrem para acolher ou ao corpo que se fecha na recusa. É na minha disponibilidade permanente à vida a que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo a ser eu mesmo em minha relação com o contrário de mim. E quanto mais me dou à experiência de lidar sem medo, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo meu perfil.

O teatro é um processo de autoconhecimento, e os jogos podem ser os primeiros passos para o caminho da descoberta pessoal. Houve, em certos momentos dos jogos, receio

³ Desconstrução de posturas habituais condicionadas.

ou timidez por parte dos estudantes de se exporem, de parecerem ridículos, o que foi considerado normal na faixa etária da adolescência. A experiência dos jogos e exercícios teve o intuito de desconstruir esses padrões comportamentais opressores⁴. Lidar com as emoções no ambiente escolar ainda é um problema complexo. A escola como espaço de convívio é também um lugar de afetividades. O professor e equipe pedagógica se deparam com um ambiente instável, o lado emocional do ser humano. De certa maneira, isso é inerente ao ensino do teatro, uma vez que expõe nossos padrões e comportamentos sistemáticos e pode nos apresentar novos modos de lidar com isso, de aprender com as novas experiências.

Durante a etapa dos jogos, um aluno do grupo precisou ser afastado da escola por problemas psicológicos. Pelo fato de ele não conseguir dormir, precisou ser internado e medicado. Esse aluno ausentou-se por mais de um mês das aulas. Esse evento, que parecia isolado num primeiro momento, desencadeou discussões no grupo focadas na alteridade, em enxergar o outro, pensar que os outros têm emoções e reagem a elas como nós também o fazemos. Percebemos que existem problemas, psicológicos ou não, de várias ordens na escola que quase nunca nos damos conta de processá-los devidamente.

Nesse processo, entendemos que a afetividade intrínseca à criação artística nos permite analisar a construção de conhecimento a partir de um indivíduo uno, indivisível, que não pode ser fragmentado em competências intelectuais somente, que é dono de um corpo que precisa de espaço e trabalho no ambiente escolar. Em suma, um corpo com potencialidades muitas vezes inexploradas pelas áreas de estudo e, em consequência disso, torna-se alienado e pouco criativo.

Como forma de contribuição para o trabalho de construção teatral em sala de aula, estão disponibilizadas algumas fichas de sugestões de jogos nos 'APÊNDICES'. Os jogos foram reorganizados e adaptados conforme necessidades previstas durante a experiência em aula. A sequência dos jogos não está determinada sendo facultado ao/a professor/a sua ordem.

A segunda fase do projeto: improvisação

Nesta etapa, as improvisações surgiram de histórias pessoais e individuais relacionadas a alguma experiência de opressão identificada pelos próprios participantes. Primeiramente, os alunos formaram duplas para contar uns aos outros suas histórias. Depois disso, a dupla elegia uma de suas narrativas para que fosse compartilhada com outra dupla. Depois, unem-se duas

⁴ Comportamentos repetitivos que geram sofrimento ao indivíduo ao qual tem dificuldades de se desvincular.

duplas, duas histórias. Esse grupo de quatro alunos escolher uma das suas narrativas para compartilhar com outro grupo de quatro alunos. Nessa dinâmica, os temas se fundem até emergir uma dramaturgia principal.

Os problemas de opressão representados durante esta etapa de improvisação foram a homofobia (em uma cena em que o menino não gostava de futebol e era motivo de chacota dos outros alunos, era ofendido verbalmente como “viado”) e o *bullying*, que apareceu em duas cenas: 1) um garoto baixinho era colocado no centro da roda e os alunos ficavam jogando sua mochila de mão em mão; 2) um aluno fez cocô nas calças e os outros ao redor o evitavam por causa do mal cheiro e zombavam dele por conta desse ato.

Após as improvisações das cenas escolhidas por eles mesmos, o problema eleito pela turma foi o da homofobia e, assim, foi constituído o modelo para o Teatro-Fórum. Esse modelo precisa oferecer alternativas de solução para o problema de opressão eleito pelo coletivo, não deve ser fatalista e ser uma fonte de apreciação estética que valorize seus elementos: como figurino e cenário. Ou seja, é preciso que a arte seja uma mola propulsora da crítica em questão.

Os ganhos nesta fase são expressivos. A improvisação oportuniza ao aluno o desenvolvimento da criatividade por meio da experiência teatral. No ato de criação, surgem muitas forças intuitivas que direcionam o movimento corporal, as expressões sonoras, imitação de voz, entre outras. A criatividade, de certo modo, se vale da prática de improvisação, ao arriscar, pode-se ultrapassar limites físicos e psicológicos e revelar ampla capacidade artística. Viola Spolin (2010, p. 23) associa a improvisação ao jogo: “a improvisação é abertura para entrar em contato com o ambiente e o outro, e é vontade de jogar. Improvisar é atuar sobre o ambiente e permitir que os outros atuem sobre a realidade presente, como num jogo”. Na experiência com os alunos, observamos que jogar, improvisar, dramatizar no teatro são verbos que proporcionam o ato de arriscar-se e vencer barreiras.

Desse modo, nesta fase, analisamos o processo de construção de personagem por meio da improvisação que foi realizada, na qual a narrativa principal constrói-se a partir da criação de personagens. A improvisação não parte, pois, do texto ou de um elemento específico como, por exemplo um tema, ou um lugar, mas da própria interação entre os personagens que vão emergindo durante a ação cênica. Esses personagens podem corresponder ou não aos personagens relatados na história, desde que a estrutura do Teatro-Fórum se mantenha a fim de discutir um problema, uma tensão coletiva.

A terceira fase do projeto: apresentação

Esta fase de apresentação da peça de Teatro-Fórum iniciou-se para duas turmas de terceiro ano do Ensino Médio, contando com aproximadamente 100 participantes, entre atores e público. O grupo decidiu apresentar o resultado da pesquisa em uma das extremidades da quadra de esportes, o mesmo ambiente onde foram realizados os jogos, as improvisações e a maioria dos ensaios. A ideia era a de que o espaço garantiria maior proximidade entre os atores e o público. Foi também uma forma de estreitar as relações entre palco e plateia, quebrar a ‘quarta parede’ e facilitar o acesso do ‘espect-ator’ à cena.

Vale destacar que uma das premissas do Teatro-Fórum é “aprender uns com os outros”, ou seja, é um exercício de alteridade, de cidadania. O espetáculo termina quando o ‘espect-ator’ esgota suas ações e encerra a cena, ou quando ele renuncia de seu posto, indicando que o ator volte ao seu personagem. Assim, o Fórum não propõe resoluções mágicas nem fórmulas de sucesso; propõe ações de experimentar e improvisar, de conhecer a si mesmo e aos seus pares.

Boal, ao pensar o Teatro-Fórum como jogo, faculta aos participantes a alteração (adaptação) de suas regras ao novo contexto de aplicação. Mantém-se, todavia, uma estrutura para direcionar o processo de construção e propõe ao grupo a liberdade de trabalhar a subjetividade. Isso aponta para o fato de um evento nunca ser igual a outro. Talvez seja por isso que o Teatro do Oprimido tenha tão boa repercussão em países, como Argentina, Estados Unidos, França e Angola.

Pensando na proposta de se jogar o Teatro-Fórum, ou seja, na prática do método no contexto educacional, muitas são as possibilidades de descoberta e desenvolvimento. Atentamos ao âmbito do aluno, que se torna ator e espectador nesse jogo, com as questões: 1) qual possibilidade o Teatro-fórum sugere quando propõe a transformação do espectador em ‘espect-ator’?; 2) Qual o papel de agente o/a aluno/a representa na escola?; e 3) Quais as oportunidades de intervenção são dialogadas e construídas entre a comunidade escolar? Esses questionamentos, por abrirem espaço para discussões mais amplas, podem ser tratados de diversas formas, assim como na própria prática do Teatro-Fórum.

Outro aspecto importante desta fase e do Teatro-Fórum tem a ver com o papel do professor como articulador da Arte, um professor que assume o papel de mediador inserido na prática artística junto aos alunos, que atua como artista e que considera o caráter pedagógico dessa prática. Nesse sentido o teatro dá a liberdade para que

o professor exerça funções de mediação entre os alunos e as artes,

manifestando competências tanto artísticas quanto pedagógicas.(...) Ambas as dimensões sejam vistas como inseparáveis e estejam reunidas em um único profissional constitui uma escolha possível, adotada em nosso país (PUPO, 2015, p. 136)

O professor torna-se, então, um curinga⁵, um mediador que está imerso no desenvolvimento da pesquisa, que vivencia e compartilha as experiências da construção cênica, e não só quem aponta os caminhos a serem percorridos. Esse espectador-participante é um ponto-chave das instruções delineadas por Boal (2005) para o Teatro-Fórum. Essa intervenção do curinga (professor) está relacionada também à formação desse indivíduo. Desse modo, a apresentação e seus reflexos também modificam os conhecimentos do professor com relação ao processo de investigação que se deslinda. Como observa Ricardo Figueiredo (2013, p.261),

(...) a formação docente é um processo permanente de construção que se realiza na estreita relação com as possibilidades de interação do sujeito do conhecimento com o objeto a ser conhecido, e que, por meio dos fazeres da sala de aula, é possível concretizar uma proposta de ensino-aprendizagem que signifique efetivas interações no sentido de transformação dos conhecimentos.

Voltando ao relato da experiência, durante a apresentação do Teatro-Fórum, em um momento previamente combinado, o curinga (a professora) interrompeu a cena e apresentou o problema: a situação de discriminação e ofensa em virtude de gênero (concepções sociais de feminino e masculino). Depois disso, os ‘espect-atores’ foram questionados sobre qual atitude deveria ser tomada pelo protagonista frente ao problema apresentado no Teatro Fórum que foi uma cena sobre homofobia.

Esse foi um momento de tensão no momento da apresentação que precisou ser analisado com muito zelo, porque há sempre o receio, uma barreira que distancia a plateia dos atores, como um tabu, os jovens se intimidam quando é feito o convite para entrar em cena. No entanto, o diálogo estabelecido com o público, ou seja, quando as pessoas começaram a debater a questão, criou a atmosfera propícia para que surgissem os voluntários. O mestre Boal usava a seguinte frase para instigar voluntários em potencial: “Ei, você tem uma ideia?”. Como curinga, repeti a ideia do mestre para acelerar o processo de entrada do ‘espect-ator’ em cena. Assim, os alunos e alunas foram, aos poucos, substituindo o protagonista na figura do oprimido, improvisando as possíveis soluções.

⁵ Personagem polivalente que conduz o Teatro-Fórum ao intervir em momentos estratégicos, sugere a quebra da quarta parede, provoca a plateia para a entrada em cena e solução do conflito.

Quarta fase do projeto: a análise da experiência

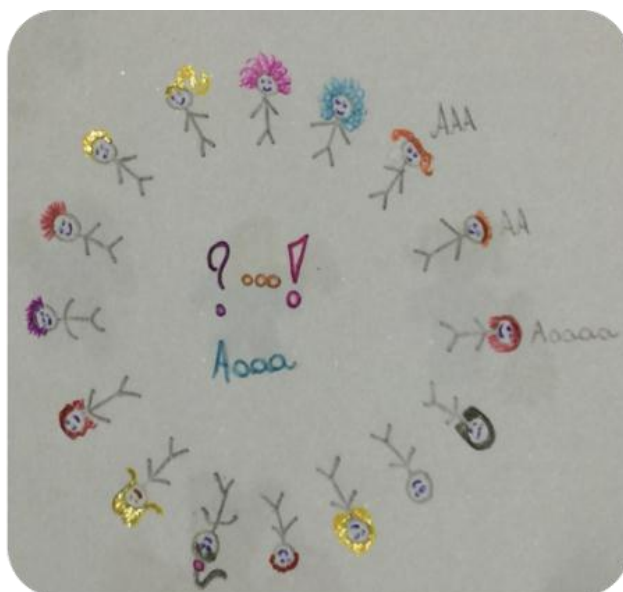
Após a realização da apresentação do Teatro-Fórum, os estudantes entregaram os seus registros pessoais, aos quais chamamos de “Diários de Bordo”, que relatavam e ilustravam o processo artístico compartilhado. Realizamos também uma série de entrevistas nas quais os alunos e alunas reconhecem o potencial criativo da atividade, e que eles tornaram-se mais próximos uns dos outros, que isso os ajudou a desenvolver autonomia e a vencer a timidez em alguns casos, sobretudo avaliam que criaram um espírito de equipe durante o processo. Isso se observa na resposta à entrevista de uma aluna. Usamos as iniciais para preservar sua identidade.

AV: “(...) Aprendi que não devemos ter medo de mostrar o que somos, ou ter medo de cometer erros porque é através dos erros que encontramos o certo. Eu achei legal essas brincadeiras, porque ela ajudou a nos comunicarmos mais um com o outro, a trabalhar juntos um com o outro e a entender que precisamos uns dos outros.”

As entrevistas revelaram que a prática do Teatro Fórum repercutiu positivamente em nosso convívio principalmente em função do engajamento dos envolvidos. Constatamos que foi possível avaliar a aprendizagem durante o processo tanto pela avaliação pessoal na entrevista quanto pelas anotações e desenhos nos diários.

Abaixo algumas observações, reflexão, figuras e relatos dos processos realizados pelos alunos identificados pela sigla em razão da não exposição do estudante:

Figura 1 – Jogo: “Quantos as”



Fonte: Diário de Bordo da aluna SS (2017)

A figura se remete ao primeiro jogo praticado pelo grupo em círculo em que cada um deveria

dizer a vogal “A” procurando encontrar diferentes entonações

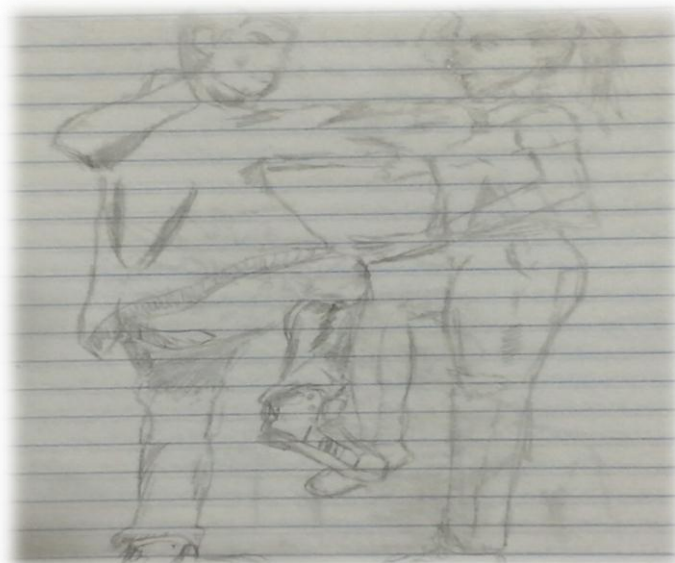
Figura 2 – Jogo “Urso de Poitiers”



Fonte: Diário de Bordo da aluna JS (2017)

A imagem ilustra o urso, um personagem do jogo que deveria assustar os participantes.

Figura 3 – Jogo: “Ninguém com ninguém”



Fonte: Diário de Bordo do aluno PE (2017)

A figura representa o contato físico do jogador que em dupla procura explorar as possibilidades em tocar partes do corpo com a parceira.

Figura 4 - Afetividade



Fonte: Diário de Bordo da aluna JS (2017)

A figura representa um abraço ocasionado pelo jogo e as relações de afeto entre os jogadores.

Figura 5 – Apresentação



Fonte: Diário de Bordo da aluna JS (2017)

Demonstração do que a aluna considera ser uma apresentação teatral durante a fala da professora.

Figura 6 – Cena improvisação



Fonte: Diário de Bordo do aluno PX (2017)

Representação do tema “Homofobia”, problema apresentado e discutido durante o Teatro-Fórum, mostra as concepções do aluno sobre a cena construída.

Figura 7 – Reflexões e questionamentos



Fonte: Diário de Bordo da aluna JS (2017)

A figura sugere inquietações e dúvidas que surgiram durante o processo e considera a diversidade, exemplificada pelas características próprias de cada pessoa como por exemplo, o

cabelo.

As Figuras de 1 a 7 sugerem experiências compartilhadas e que foram consideradas pelos alunos como significativas durante o processo de aprendizagem. Os títulos das Figuras foram dados pela professora, ao analisar cada Diário de Bordo baseados nos processos construídos, nos jogos e nas reflexões emergentes. Algumas anotações sobre as imagens e seus significados foram feitas pelos alunos nos Diários de Bordo. A seguir separamos alguns trechos das observações dos alunos sobre todo o processo que envolveu algumas técnicas específicas do teatro e de seus efeitos. A seguir, citamos algumas respostas que corroboram essa avaliação da experiência com o Teatro-Fórum.

AC: “Apresentamos o teatro fórum, para o pessoal do terceiro ano, algumas pessoas da plateia participaram também, no intuito de melhorar o teatro e acabar com a homofobia, até mesmo a professora participou.

PH: “A aula foi interessante, pois podemos perceber que as pessoas são diferentes e suas singularidades, que nos tornam incríveis e importantes.”

PE: “(...) me aproximei de pessoas, o que eu tinha dificuldade de conversar e me faz perder a vergonha e um pouco do medo.”

PD: “De olhos fechados perco a segurança, mas aprendi a confiar! A relação em coletivo gera intimidades e nos permite conhecer melhor o nosso próximo que vemos todos os dias. O contato físico.”

IR: “A segunda brincadeira foi um pouco constrangedora, pois tivemos que fazer contato físico com ambos os sexos. A parte difícil é improvisar as cenas.”

SM: “Trabalhamos nossa criatividade.”

LN: “Chegamos à conclusão que o coletivo sempre será mais bem aceito pelas pessoas do que o individual. O fato de todos estarmos reunidos, colocados em uma mesma posição, nos dá um sentimento de proteção, segurança e confiabilidade.”

As percepções dos alunos corroboram os propósitos vislumbrados por Boal, com o Teatro do Oprimido e sua extensão, o Teatro-Fórum. Em geral, o ganho maior é coletivo, está no campo da percepção da alteridade, do outro como um reflexo, não como um objeto, na participação em situações, a princípio, constrangedoras, mas superáveis, enfim, na autonomia.

Nesse sentido, Lucia Pimentel (2015, p. 97) observa que

Arte é um conhecimento sensível, que coordena ações e

emoções; é um modo de pensar, chegar a criações inusitadas e estéticas, propor novas formas de ver o mundo e apresentá-lo com registros diferenciados. É uma construção humana que envolve relações com os contextos cultural, socioeconômico, histórico e político. É a experiência dos sujeitos que se faz coletiva. Toda ação praticada numa experiência modifica quem a pratica e quem a sofre.

O sentido de coletividade e de transformação da Arte foi observado por quase todos os alunos em seus desenhos no Diário de Bordo e nas entrevistas. Portanto, consideramos que a experiência com o Teatro-Fórum foi um recurso artístico-pedagógico relevante aos objetivos de ensino-aprendizagem em/sobre Arte na Escola Básica.

Considerações finais

Esta pesquisa em Arte foi importante ao observar relevância do ensino de teatro na escola, apesar de todos os obstáculos, como infraestrutura ruim e ausência de recursos materiais para a sua execução. O desenvolvimento de cada indivíduo que se dispôs voluntariamente a participar da proposta de criação do Teatro-Fórum foi notável. Para os alunos, como pôde ser observado nos relatos, a dinâmica de aprendizado gerou autonomia e espírito de coletividade, dois fatores importantes à prática da cidadania. Foi possível perceber que houve uma motivação do coletivo em construir conhecimento e que esse conhecimento, integrado ao repertório pessoal de cada um, ampliou as possibilidades criativas de todos os envolvidos.

A repercussão do trabalho foi importante por ter propiciado um estreitamento das relações interpessoais dos alunos e alunas, bem como uma atitude reflexiva, crítica e criativa ao longo do ano letivo. Entender que o processo de criação artística pode transformar pontos de vista e mesmo atitudes comportamentais faz com que o trabalho tenha resultados ainda mais relevantes. O reconhecimento da importância de se trabalhar artisticamente com jovens é o que moveu nossas práticas pedagógicas de teatro no componente curricular Arte.

Finalmente, observamos que quando o professor e os alunos encontram a liberdade de pesquisar artística e pedagogicamente no componente curricular Arte/Teatro inserido na grade curricular, há uma tendência a desenvolver aspectos afetivos, sociais, relacionais e pessoais. Na prática do Teatro-Fórum, o desenvolvimento dos aspectos citados pôde ser colocado em ação coletivamente, por meio da teatralidade, com o objetivo de buscar possíveis soluções para situações vistas como opressoras pelo grupo, no caso dessa experiência específica: a homofobia.

REFERÊNCIAS

- BOAL, Augusto. **Hamlet e o filho do padeiro**. São Paulo: Cosac Naif, 2014.
- _____. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- _____. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- BORDIEU, Pierre. Trad. Mariza Corrêa. É possível um ato desinteressado? In: _____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FIGUEIREDO, Ricardo Carvalho de. Experimentos teatrais na educação infantil: (Re) pensando a formação inicial do professor. In: TELLES, Narciso (Org.). **Pedagogia do Teatro: Práticas contemporâneas na sala de aula**. Campinas, SP: Papirus, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 54^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- MUNIZ, Mariana de Lima e. **Improvisação como espetáculo: processo de criação e metodologias de treinamento do ator-improvisador**. Belo Horizonte.
- PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. Processos artísticos como metodologia de pesquisa. **Ouvirouver** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Uberlândia, UFU, v.11, n.1, 88-98, 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/32707/17687>>. Acesso em: 21 mar. 2017.
- PUPO, Maria Lúcia. **Para alimentar o desejo de teatro**. São Paulo: Hucitec, 2015.
- SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin**. Trad. Ingrid Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2008.

APÊNDICES